

A (auto)narrativa na EJA como esperança na construção de uma pedagogia decolonial

(Self-)narrative in adult education as hope in the construction of decolonial pedagogy

La (auto)narrativa en la EJA como esperanza en la construcción de una pedagogía descolonial

Micilene Araújo de Oliveira Bezerra  
Universidade Estadual do Ceará

Resumo

Este trabalho que é um recorte de uma pesquisa mais ampla, busca discutir sobre a trajetória escolar/acadêmica de uma estudante de pós-graduação em Educação, egressa da Educação de Jovens e Adultos (EJA) por meio de uma (auto)narrativa que focaliza a práxis educativa libertadora. Desse modo, busca-se situar práxis política-educativa da Educação de Jovens e Adultos (EJA) como prática educativa de libertação na construção de uma pedagogia decolonial, a fim de compreender qual a importância dessa prática para a circulação de um conhecimento contrahegemônico e decolonial e para a constituição de ações pedagógicas emancipatórias e libertadoras.

Palavras-chave: Narrativa autobiográfica. EJA. Pedagogia Decolonial.

Abstract

This work, which is an excerpt from a broader study, seeks to discuss the educational/academic trajectory of a graduate student in Education, a graduate of Youth and Adult Education (EJA), through a (self)narrative that focuses on liberating educational praxis. Thus, it seeks to situate the political-educational praxis of Youth and Adult Education (EJA) as an educational practice of liberation in the construction of a decolonial pedagogy, in order to understand the importance of this practice for the circulation of counter-hegemonic and decolonial knowledge and for the constitution of emancipatory and liberating pedagogical actions.

Keywords: Autobiographical narrative. EJA. Decolonial pedagogy.

Resumen

Este trabajo, que es un extracto de una investigación más amplia, busca discutir la trayectoria escolar/académica de una estudiante de posgrado en Educación, egresada de Educación de Jóvenes y Adultos (EJA), a través de una (auto)narrativa que se centra en la praxis educativa liberadora. De este modo, se busca situar la praxis político-educativa de la Educación de Jóvenes y Adultos (EJA) como práctica educativa de liberación en la construcción de una pedagogía descolonial, con el fin de comprender la importancia de esta práctica para la circulación de un conocimiento contrahegemónico y descolonial y para la constitución de acciones pedagógicas emancipadoras y liberadoras.

Palabras clave: Narrativa autobiográfica. EJA. Pedagogía decolonial.



1. INTRODUÇÃO

Recentemente, participei de um ato cenopoético do Coletivo Viva a Palavra¹, no Centro de Humanidades, da Universidade Estadual do Ceará, que trazia em seu roteiro um poema do prof. Dr. Ernandi Mendes, um dos fundadores do Programa de Pós-graduação em Educação e Ensino (PPGE-EN):

Palavra viva, de som, de sonhos e de luta,
Com mãos e coração, com pés e pulmão
Que sangra, respira, que irriga, arriba.
Palavra de consciência, palavra de ação, de transformação
Descapitalismar o modo de vida
Enegrecer as relações
Palestinizar a consciência
Amazonizar o Planeta,
Destronizar os impérios,
Indigenizar nossas vidas (Mendes, 2024)

Para apresentar a minha proposta de pesquisa, busquei essa palavra viva tão poematizada no *Viva a Palavra* (Alencar, 2019), por meio de uma proposta de estudo sobre (auto)narrativas de trajetórias escolares. Nesse sentido, a pesquisa traz a minha trajetória de vida com ênfase na minha trajetória escolar, interrompida quando eu era ainda uma menina, cheia de sonhos, que foi parar ‘nas cozinhas alheias’, como diz Evaristo (2017), por causas das muitas opressões impostas pelo sistema capitalista colonial e patriarcal.

Este roteiro cenopoético do Viva a Palavra, que traz o poema do professor Dr. Ernandi Mendes, foi elaborado pela professora Dra. Claudiana Nogueira de Alencar, minha orientadora, pela professora Dra. Sandra Gadelha de Carvalho, coordenadora do nosso programa e o professor Dr. Ernandi Mendes quem já mencionei.

O referido roteiro traz a cenopoesia e a educação popular como práticas necessárias para decolonizar o conhecimento e a academia, na abertura da universidade para as classes populares, para os pobres, para os povos do campo, da periferia, população negra e indígena. Ao participar do ato cenopoético e de outros eventos durante o mestrado, percebi que a proposta de uma pedagogia do oprimido (Freire, 1987) foi um caminho de libertação, na minha existência, de tantos enfrentamentos para a superação das vulnerabilidades sociais, mas também as práticas educativas de libertação atravessaram e atravessam todo o nosso caminhar, durante o mestrado, na postura e ações pedagógicas dos professores já citados e de tantos outros de nosso programa, de modo a trazer o interesse de investigar a prática política educativa e essa pedagogia crítica, engajada, acolhedora das diferenças, que procura fornecer abrigo diante de tanta exclusão e crueldade.

Por isso, eu tomo a palavra. A palavra que me faz sonhar com “um novo céu, uma nova terra e um novo mar”, como anunciou o profeta Isaías (cap. 65 v.17), a “palavra viva, de som, de sonhos e de luta”, como nos traz Mendes (ano?), no roteiro cenopoético. Por ela, eu ousarei escrever a minha auto-narrativa para apontar para outras formas de vida mais justas e fraternas que combatam esse

¹ O Coletivo Viva a Palavra é um coletivo político cultural formado por movimentos sociais, artistas e ativistas acadêmicos que atua no bairro Serrinha, periferia de Fortaleza/CE, desde 2014.

tempo atual de tanta exclusão, preconceito e violência, proposto pelo capitalismo, para um outro tempo, uma nova vida, uma outra sociedade.

Desse modo, este artigo discute a minha trajetória escolar/acadêmica como estudante de Pós-graduação em Educação, egressa da Educação de Jovens e Adultos (EJA), por meio da elaboração da (auto)narrativa, que busca refletir sobre uma *práxis* educativa libertadora, tanto na EJA quanto no PPGEEN. Desse modo, busco situar a Educação de Jovens e Adultos (EJA) como prática educativa de libertação na construção de uma pedagogia decolonial, a fim de compreender qual a importância dessa prática para a circulação de um conhecimento contra hegemônico e decolonial e para a constituição de ações pedagógicas emancipatórias e libertadoras.

Como procedimento metodológico, será articulada a pesquisa bibliográfica à pesquisa narrativa, desenhando esta articulação por meio de pesquisa participante em Pragmática Cultural, que pretende, além de elaborar um mapa-acervo bibliográfico sobre a EJA, no Programa de Pós-graduação em Educação e Ensino (PPGEEN) e uma (auto)narrativa da minha trajetória acadêmica como estudante de pós-graduação egressa da EJA, também analisar, na *práxis* educativa, em vivências com discentes e docentes do Programa de Pós-graduação em Educação, no qual estou vinculada, palavras sementes, temas geradores e ensinamentos de uma pedagogia decolonial, inscrita nas produções e práticas educativas do PPGEEN.

O ato de narrar o mundo é inerente ao ser humano. Conforme Barthes (2011, p. 19), a “narrativa tem seu início com a própria história da humanidade”. O mundo é construído de narrativas, de maneira que essas fazem perpassar as culturas, as ancestralidades de povos remotos até outras gerações. A história do ser humano é continuamente construída por suas próprias narrativas, que são transferidas de geração a geração. Alencar (2017, p. 100) afirma que: “Usar a linguagem seria mais do que usar as palavras para designar o mundo, mas um ato de fazer coisas com palavras”.

Assim, a vida das pessoas é formada por narrativas que, quando compartilhadas, se transformam em uma reflexão sobre a própria trajetória humana, além de permitir a troca de histórias de vida com a comunidade em que está, bem como, ao contar a história de suas experiências, cada ser humano também inspira outros a criar e refletir sobre suas próprias vivências.

Conforme Barthes (2011, p. 19): “[...] a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há em parte algum povo algum sem narrativa [...]”.

A motivação principal deste trabalho surge das práticas educativas de libertação vivenciadas nas salas de aula, nos corredores do PPGEEN, quando as minhas vivências e conhecimentos na minha trajetória escolar/acadêmica da EJA à universidade e meus aprendizados com mulher oriunda das classes trabalhadoras foram valorizados no mestrado, quando em novembro de 2024, no meu primeiro ano cursei disciplinas que trabalharam com o aprendizado do pensamento crítico, como proposto por Hooks (2020).

Desse modo, narrar as vivências é abrir ao outro um horizonte permeado de possibilidades de inspiração no tocante ao ato de se transformar, uma vez que, enquanto narra, transforma o outro que está na plateia da receptibilidade. Narrar a própria história, nesse sentido, é abrir as possibilidades reflexivas geradoras do esperar.



2. METODOLOGIA

Esta pesquisa é considerada uma pesquisa narrativa de abordagem qualitativa (Minayo, 2001, p. 21). Ela se preocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Nesse sentido, a pesquisa se desenvolve no campo das narrativas, cuja análise pertence a qualificação como abordagem metodológica.

O método utilizado para a análise dessa pesquisa, amparado em Passeggi, Nascimento e Oliveira (2016), é o método narrativo autobiográfico. A autora afirma que esse método legitima a criança, o adolescente e o adulto, enquanto sujeitos de direitos, capazes de narrar sua própria história e de refletir sobre ela (Passeggi, Nascimento e Oliveira, 2016, p. 114).

Bueno (2002, p. 17), diz que o “[...] Método Biográfico” apresenta-se como opção e alternativa para fazer a mediação entre as ações e a estrutura, ou seja, entre a história individual e a história social”. Este trabalho foi desenvolvido a partir da auto-narrativa da pesquisadora autora deste texto, tendo como base os autores e temas citados a seguir.

Esse trabalho ancorou-se na Pragmática Cultural, com base em Alencar (2017, 2021), narrativas autobiográficas, definidas por Sousa (2004), Passeggi, Nascimento e Oliveira (2016) e Marques (2017), na EJA, Strelhow (2010), pedagogia decolonial (Lander, 2005 e Walsh, Oliveira e Candau, 2018).

Para tanto, esta pesquisa se apoia na subjetividade e experiência pessoal construída a partir da perspectiva de vida vivenciada, em que o pesquisador parte da análise de si mesmo, usando seu contexto de vida construído ao longo da vida como fator principal do objeto de pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O ato de narrar, em uma perspectiva crítica e decolonial, é o próprio ato de agir revolucionário na sociedade atual.

Como afirma Hooks (2020), as experiências e aprendizagens da trajetória escolar podem trazer conceitos preciosos para a emancipação humana. A escolha por contar a minha história para dela retirar reflexões sobre a EJA e a pedagogia decolonial, veio da minha participação em evento promovido pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED).

Fui uma criança nascida em uma família muito carente, lavradores da terra, em uma serra de barro vermelho, morando em uma casinha de taipa (espécie de casa feita de varas cobertas com barro), com apenas dois cômodos, cozinha e sala, comportava meus pais e mais nove filhos.

Lembro-me que era o período de chuvas quando a metade da casa caiu... naquele momento só tínhamos uma escolha: nos agasalharmos todos no restante do que sobrou da casa. Mesmo com a escassez de conforto e alimentação, éramos felizes mesmo assim. Pela manhã, era certa uma merenda com farinha e café – eu gostava. A alimentação era escassa, mas podíamos comer milho da plantação no quintal.

Havia uma escola no campo. Porém, eu não estudava. Então, aos sete anos de idade, ainda não conhecia o que era uma escola. Um dia minha mãe levou-me a escola. Recordo bem quando a professora me colocou em uma cadeira bem próximo do quadro verde escrito com giz. Naquele momento, ela me falou: “Copie o que está escrito na lousa!” Fiz uns rabiscos que em seguida ela corri-

giu e exclamou: “O que você fez não é o que está escrito na lousa!”. Eu não tinha como copiar, pois não tive nenhuma experiência na escola anteriormente. Não me lembro quanto tempo frequentei aquela escola, mas sei que no percurso até os meus 15 anos de idade aprendi a ler e escrever. Havia também um encontro chamado “Recriança” em outro local, onde brincávamos e fazíamos atividades interativas, tínhamos lanche e era muito divertido.

Mas, os anos se passaram e ainda na infância tiveram dias não tão bons de serem recordados. Por volta dos meus 12 anos saí da casa de meus pais para trabalhar como doméstica. Posso dizer que eu conheci o “outro lado da moeda”. Dias difíceis vieram...

Percebi, através de simples detalhes, mas que foram gigantes para mim, que existem as classes dominantes que excluem as classes marginalizadas. Foi claro: quando as refeições na casa em que eu trabalhava, patroa e família tinham um lugar específico, já no que se referia a mim, as refeições eram feitas em um lugar à parte.

Aos 14 anos conheci uma escola noturna (era uma Escola para Jovens e Adultos), na qual frequentei alguns dias ou meses, depois desisti. Nesse interim, eu só tinha a 2ª série do ensino fundamental I, porém, já sabia ler e escrever. Não mantinha uma permanência na escola, pois era uma vida extremamente vazia e desestruturada, longe de família, amor e carinho familiar e exposta a exploração. Nunca soube o que foi ser criança, muito menos adolescente. A exploração dominava.

Não tinha expectativa de vida e nem esperança. Os horizontes eram cerrados para mim. Morava em Fortaleza aos 14 anos e trabalhava como doméstica, cuidava dos afazeres do lar e uma senhora chamada Nadir, cuidava de fazer a alimentação da casa. Nós duas dormíamos juntas em um quarto nos fundos da casa. Eu não tinha amigos, não frequentava a escola, não tinha vez na sociedade. Era vista como mais uma sem futuro algum. Apesar da minha baixa auto-estima prevalecer e não sentir, às vezes, vontade de viver, sonhava um dia ter meu próprio lar, onde eu pudesse arrumar pelo menos a minha cama com colchas tão bonitas e cheirosas, conforme fazia onde eu trabalhava.

Eu me sentia vazia, desprezada, sem valor algum. Mas um dia tive uma experiência de fé e aproximação com Deus. Lembro-me que no quarto onde eu dormia me ajoelhei e falei com Deus assim: “Minha vida não faz sentido, Deus... mostra para mim o caminho da verdade onde eu encontre felicidade!”.

Então, logo em poucos dias retornei para a cidade de Limoeiro do Norte-CE, minha tia me levou a uma igreja onde ouvi as seguintes palavras: “Moça, você que entrou aqui hoje pela primeira, se seguires a Deus, Ele te dará felicidade”.

Essa foi a melhor coisa que aconteceu em minha vida, pois, o mundo já não me cabia, me sentia desvalorizada, marginalizada, sem esperança, sem felicidades, vivendo longe do contexto familiar, me sentia vazia. Então, as coisas mudaram e as expectativas de vida também, e para melhor, conforme veremos a seguir.

Aos 15 anos conheci o meu esposo Luís Bezerra, com quem me casei aos 17 anos, em 1996. Este é pai dos meus dois filhos: Letícia, que nasceu quando eu tinha 18 anos, em 1998, e Gabriel, que nasceu no ano 2000, quando eu já tinha 20 anos. Eles foram e são meus tesouros, pois resignificaram e ressignificaram minha vida. Meu esposo veio como um anjo enviado por Deus, ele me



amparou, me deu um lar e me acolheu em seus braços como um conforto e abrigo, mesmo também sendo de classe desfavorecida, assim como eu.

Lembro-me que, aos 18 anos e grávida da Letícia, iniciei os estudos no Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA), na cidade de Limoeiro do Norte-CE, mas não dei continuidade, pois logo vieram as complicações da gravidez. Amei e amo ser mãe. Tive uma casinha bem simples com dois vãos. Ali habitava felicidade, pois minhas manhãs eram passadas me balançando em uma rede com minhas duas pequenas crianças e cantarolando de alegria.

Com meus filhos ainda crianças pequenas, consegui um emprego em um supermercado, onde minhas funções eram: colocar as mercadorias nas prateleiras, fazer a limpeza do mercado, arrumar feiras e atender também aos clientes. Eu gostava bastante desse trabalho, mas tive que abandonar o mesmo, pois meu filho veio a ficar muito doente e precisou ser internado para fazer uma pequena cirurgia para retirada do líquido dos seus pulmões. Depois, tudo ficou bem.

Com o passar dos anos, chegou o dia das crianças irem à escola. Passaram-se os anos e eles foram desenvolvendo as habilidades de leitura e escrita. Cada palavra aprendida era um enorme triunfo para mim e para o pai deles. Eu ensinava as atividades escolares com o pouco que sabia, mas com muitas alegrias. Era fantástico!

À medida que eles foram crescendo eu já não conseguia mais dar suporte às atividades, pois o nível de dificuldades das atividades já era superior ao que eu tinha conhecimento. Então, fizeram reforço escolar.

Depois, interessei-me em estudar música por partitura na igreja que participo. Lembro-me que foi um desafio gigante, pois precisava conhecer frações matemáticas para compreender as fórmulas de compassos musicais, mas mesmo assim, prosperei.

Aprendi a tocar um instrumento chamado *órgão* e me tornei professora voluntária desse instrumento também. Ensinei a minha filha a tocá-lo também e a outras alunas não somente em minha cidade, Limoeiro do Norte, mais em duas cidades circunvizinhas.

Os anos foram se passando, meus filhos já eram adolescentes quando me bateu um desejo forte de estudar. Eu já tinha 33 anos de idade. Algo novo surgia, pois imaginava que nunca mais iria retornar aos estudos e que minha carreira estudantil havia findado.

Então, já aos 34 anos de idade falei para o meu esposo que desejava regressar aos estudos. Ele, um sujeito positivo e encorajador, me apoiou de imediato. Assim, procurei a escola que havia estudado quando estava grávida, conforme citei anteriormente, onde fui bem acolhida e encorajada a terminar meus estudos ali. Nesse período, tinha apenas a 2ª série do ensino fundamental. Reiniciei os estudos com muita garra e vontade de ingressar em uma faculdade posteriormente. Lembro-me que iniciei fazendo três provas por semana, pois a modalidade de ensino era semipresencial.

No decorrer dos estudos, com as leituras que fui fazendo, a cada dia ia avançando e desenvolvendo, decidi então realizar uma prova todos os dias. Estudava bastante, fazia as leituras dos textos e realizava as atividades. Achei que o processo estava lento, então resolvi fazer duas provas todos os dias.

As professoras perceberam que eu estava com um rendimento muito bom e que tinha conseguido avançar bastante. Então, sugeriram que eu não continuasse no ensino fundamental, mas ingressasse no ensino Médio. Assim foi feito. Continuei no mesmo ritmo de estudos e com bastante entusiasmo.

Finalizando as disciplinas, restando apenas Matemática, Química e Física, não tive condições de aprendê-las, pois não conseguia compreender como fazer aqueles cálculos propostos pelas disciplinas, mediante as atividades, por não ter conhecimento básico suficiente em Matemática. Então, os professores sugeriram que eu voltasse e concluísse o ensino fundamental. Assim foi feito. Porém, quando retornei aos estudos das disciplinas citadas, não tive êxito.

Depois, fiz um cursinho preparatório para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), realizei o ENEM e com a nota desse exame, eliminei as três disciplinas que faltavam para concluir o Ensino Médio e ingressei no Curso de Letras Inglês, na Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (FAFIDAM), *campus* da Universidade Estadual do Ceará (UECE) em Limoeiro do Norte.

Para mim, esse foi um grande desafio, pois me encontrei em uma sala de aula na qual o público eram jovens atentos à modernidade atual, que tinham leituras mais atuais, entendiam um pouco ou muito da língua inglesa, diferentemente de mim que estava adentrando aquele mundo naquele momento.

Assim, houve muitos dias que pensei em desistir, principalmente quando o professor(a) levavam textos que eu não sabia do que se tratavam por não ter conhecimento em língua inglesa, a nível de leitura fluente dos textos. Era frustrante. Foram dias desafiadores e constrangedores, mas persisti com a força de Deus, acreditando que essas barreiras iriam ser vencidas com perseverança e estudo.

Com dois anos e meio na graduação, fiz um estágio em uma escola da minha cidade para professor de inglês. A coordenação daquela escola me contratou uma semana após o estágio. Então, trabalhei por cinco anos e meio na referida escola. Ali, aprendi a ser uma educadora, bem como aprendi muito sobre a língua inglesa, pois precisava estudar bastante para ministrar as aulas.

Ensinei a alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, posteriormente, lecionei desde a educação infantil e ensino fundamental I, bem como o ensino de língua espanhola para turmas do 6º ao 9º ano. Foi uma experiência riquíssima, pois aprendi muitas coisas novas, tais como: domínio de sala, amorosidade para com os alunos(as), sobre as línguas inglesa e espanhola, a didática em sala de aula, enfim...um universo de aprendizados novos.

Nesse percurso, estava na graduação em Letras e em sala de aula, experiência riquíssima, mas também muito desafiadora, pois tinha que conciliar as atividades acadêmicas com as inúmeras demandas escolares que me circundavam. Nesse percurso de docência, tive a oportunidade de trabalhar com alunos com diversas especialidades, contexto que tinha que elaborar atividades e avaliações para atendê-los.

Tive uma experiência riquíssima que foi ministrar aulas de inglês a um aluno surdo não alfabetizado. Essa foi uma atividade desafiadora, pois usava imagens para representar as coisas em variados contextos e simbolizava com a datilologia. Esse saber da Língua Brasileira de Sinais



(LIBRAS), aprendi em uma disciplina feita na graduação, bem como em cursos pelo Instituto Federal de Santa Catarina, na modalidade à distância.

Essas foram experiências extraordinárias, pois pude ajudar alguém a se socializar através da língua de sinais. E foi através dessa experiência com um aluno surdo que surgiu o tema do meu trabalho de conclusão de curso de graduação, no gênero monografia. Foi um trabalho que trouxe a reflexão sobre a importância de os professores de língua inglesa conhecerem e aprenderem LIBRAS, para oportunizar e amparar os alunos surdos que ingressam na universidade para cursar as disciplinas de inglês.

Com a falta de professores, greves na universidade, resolvi cursar Licenciatura em Língua Espanhola, em uma universidade privada. Essa oportunidade foi riquíssima, pois, como já havia lecionado essa disciplina, me ajudou bastante no percurso da formação em língua espanhola. Mas não desisti do curso de Letras Inglês, continuei.

Fui agraciada com uma professora nativa de Cuba e falante, portando, da língua espanhola, residindo na rua da minha casa. Essa, me dá aulas das quatro habilidades da língua: uma verdadeira riqueza de cultura e de todas as habilidades necessárias para o domínio de uma língua estrangeira com fluência.

Assim, na Licenciatura em Língua Inglesa enfrentei muitos desafios: greves, pandemia, ainda a falta de professores, o que ocasionava a não oferta de disciplinas, etc. Mesmo com tantos problemas e com a carga horária como professora, não desisti, e assim, já faltando a última disciplina para concluir a graduação, surgiu os comentários do edital do Mestrado Acadêmico Intercampi em Educação e Ensino (MAIE).

Pensei: “Quero fazer! Mas como concorrer se não tinha concluído a graduação?” Assim, já quase nas férias de julho, surge uma professora que precisava ministrar uma disciplina para efetivar sua entrada na UECE. Dessa forma, cursei a disciplina e coleí grau em agosto, após as férias. Assim, nessa correria, pensei em um possível objeto de pesquisa, que veremos no próximo tópico.

Pensar em um objeto para desenvolver a pesquisa no curso de mestrado aconteceu assim: me veio uma retrospectiva da minha vida e refleti que seria bom que eu falasse da importância do ensino de inglês através de textos na educação de jovens e adultos (EJA). Assim, a língua inglesa seria contemplada como um todo, seriam trabalhadas as quatro habilidades da língua, o que incluiriam os contextos de vida dos discentes.

Dessa forma, comecei a desenvolver o meu objeto de pesquisa e, com a graça de Deus, a proposta inicial foi aprovada. Mas, no decorrer das aulas do mestrado, as ideias de objeto de pesquisa foram se reconfigurando, então pensei: Mais estudantes que compõem a EJA precisam conhecer a minha história. Se eu cheguei aqui muitos podem chegar também. E assim, minha orientadora sugeriu escrever minha narrativa autobiográfica como pesquisa de mestrado.

Desse modo, me encontrei com o objeto de pesquisa dentro da pesquisa. Esse me trouxe a satisfação de poder contribuir com a sociedade marginalizada que tiverem acesso ao texto que ainda será desenvolvido e que tem como intuito despertar em outros sujeitos o ânimo pela luta por uma educação libertadora.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A (auto) narrativa como abordagem educativa com base na Pragmática Cultural e na decolonialidade é uma porta para a liberdade dos sujeitos em sociedade. É dela que provém um caminho de entrada para a conscientização e, por meio dela, assume-se as lutas para a emancipação humana.

Cada vez mais a ganância e a ambição são prevaletentes – a medida do ter nunca enche. Os sujeitos são submetidos a trabalhos com cargas horárias exorbitantes e salários cada dia mais baixos e, a cada dia, a educação lhes é negada. Em uma palavra: a classe trabalhadora não é reconhecida.

Currículo limitante e limitado que dita quem deve estudar e com qual idade, conforme cita Brasil (2018, p.16): “[...] as pessoas que não puderam estudar ou completar sua escolaridade na idade própria [...]”. Conteúdos programados e engessados que deixam claro qual alunado deve ser privilegiado, para quem se destinam as vagas em sala de aula de escolas da educação básica e universidades.

Porém, é importante e urgentemente necessário, que cada vez mais sujeitos narrem as suas histórias para analisar dialeticamente o concreto na historicidade da sua existência, a fim de despertar os que dormem às margens desse sistema opressor e dominador, uma vez que, à medida que as histórias dos sujeitos são narradas, vão surgindo um despertar para a transformação de mentes que lutam contra as amarras do sistema educacional brasileiro.

Histórias que digam aos marginalizados, aos excluídos, aos que não são considerados na idade certa para os estudos, que é possível a união em prol de uma educação que contemple a todos.

Assim, reverter o quadro educacional brasileiro é possível mediante as lutas dos povos originários, alunos/as e egressos/as da EJA, dos trabalhadores(as) das classes periféricas, como pedreiros, garis, pessoas com pouca ou nenhuma escolaridade, os que vivem às margens e tantos quantos desejam ter e fazer a transformação da sociedade por intermédio da educação, conforme Brasil (2018, p.16), reverter a situação de exclusão histórica que marginaliza grupos – como os povos originários e as populações das comunidades remanescentes de quilombos e demais afrodescendentes.

Gomes (2021, p. 447), afirma que “[...] descolonizar as mentes, a educação, o conhecimento e os currículos não é somente para nós, negros e negras [...]”. É necessário, todavia, um trabalho de desalienação colaborativo e praticado por quem educa e quem participa do processo educativo social e coletivo.

Pois, o processo de descolonizar parte também da prática ativa e pensada com criticidade do educador, seja ele em sala de aula, bem como o processo formativo nas rodas de conversas e movimentos populares, como bem foi citado o “Projeto Viva a Palavra” criado pela Pesquisadora Claudiana Nogueira de Alencar, pelas narrativas permeadas de lutas e criticidade por uma educação que contemple as classes desfavorecidas e esquecidas pelo sistema capitalista e opressor. Juntos construiremos uma educação coletiva e inclusiva cada vez mais forte.



Narrar a história de vida, numa perspectiva decolonial, também participa desse processo decolonizador através de narrativas que visem também transformações em si mesmo e para a sociedade, no intento de contribuir com a educação para se transformar e transformar o outro, na luta para o bem social comum.

A prática educativa decolonial seja ela na Prisma Narrativa, na Educação do Campo/ No Campo, Educação Popular, De Rua, Conversas de Rodas etc, deve ser compreendida pelos educadores sobretudo, como um ato Político Educativo também. Freire, (2021, p.25), afirma que, “Não basta dizer que a educação é um ato político assim como não basta dizer que o ato político é também educativo. É preciso assumir realmente a politicidade da educação”

Portanto, educação é um ato de formação política, é a construção da sociedade que está à mercê dessa. É através de uma educação Política Crítica, sem preconceitos, barreiras e muralhas de exclusões, e com educadores que repensem a educação como um ato político de transformação da sociedade, e em uma educação mais justa e para todos.

Assim, a prática educativa pensada politicamente com amorosidade, é também pensar no bem social que acolha todos quantos buscam transformação e justiça social através da educação. A maior justiça social é conceder a educação como um ato de amor aos jovens, homens e mulheres pretos, pretas, indígenas, quilombolas, sem-terra, agricultores/as e todos aqueles que buscam a educação como caminho para libertação de suas realidades de exclusões sociais.

Pois, Freire, (1997, p. 97), conclui “a educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa”.

5. REFERÊNCIAS

ALENCAR, Claudiana Nogueira de. O amor de todo mundo, palavras-sementes para mudar o mundo: gramáticas de resistência e práticas terapêuticas de uso social da linguagem por coletivos culturais da periferia em tempos de crise sanitária. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 37, n. 4, 2022.

ALENCAR, Claudiana Nogueira de. “A escritura a escrevivência a invenção a poema”: performances e decolonialidades nas gramáticas culturais das coletivas de poetas periféricas. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 60, n. 3, p. 612-625, 2021.

ALENCAR, Claudiana Nogueira de. Gramática de resistência do movimento campestino: toponímia, agência e dor. In: ALENCAR, C. N.; COSTA, F.; COSTA, N. (Orgs.). **Discursos, Fronteiras e Hibridismos**. v. 1. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2017. p. 115- 136.

ALENCAR, Claudiana Nogueira de. “Tudo aqui é poesia”: a pragmática cultural como pesquisa participante com movimentos sociais e coletivos juvenis em territórios de violência urbana. **Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura**, v. 31, p. 237-256, 2019.

BARTHES, Roland. **Análise estrutural da narrativa**. Tradução de Maria Zélia Barbosa Pinto. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BÍBLIA. **O santo evangelho segundo João**. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2. ed. São Paulo: Geográfica, 2009. Novo Testamento, p. 112.

BUENO, Belmira Oliveira. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Educação e pesquisa**, v. 28, p. 11-30, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 27. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GOMES, Manoel Messias. A Educação de Jovens e Adultos no Brasil e o contexto social dos alunos dessa modalidade. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 17, p. 9, 2023.

HOOKS, Bell. **Ensinando pensamento crítico, sabedoria prática**. São Paulo: Elefante, 2020.

MENDES, Ernandi. In: ALENCAR, Claudiana Nogueira de. **Ato Cenopoético Viva a Palavra**. Manchester, Reino Unido, 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PASSEGGI, Maria da Conceição; NASCIMENTO, Gilcilene; OLIVEIRA, Roberta Antunes Medeiros de. As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em Educação. **Revista Lusófona de Educação**, n. 33, 2016, p.111-125.

STRELHOW, Thyeles Borcarte. Breve história sobre a educação de jovens e adultos no Brasil. **Revista HISTEDBR on-line**. v.10, n.38, p.49-59, 2010.

WALSH, Catherine; OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria. Colonialidade e pedagogia decolonial: para pensar uma educação outra. **Education Policy Analysis Archives**, v. 26, 2018, p. 83-83.

Como citar – ABNT

BEZERRA, Micilene Araújo de Oliveira. A (auto)narrativa na EJA como esperança na construção de uma pedagogia decolonial. **Revista Poésis Pedagógica**, Catalão/GO, Brasil, v. 23, e2025032, Dezembro, 2025. <https://doi.org/10.69532/2178-4442.v23.75137>



Como citar – APA

Bezerra, M. A. de O. (2025). A (auto)narrativa na EJA como esperança na construção de uma pedagogia decolonial. *Revista Poiesis Pedagógica*, 23, e2025032. <https://doi.org/10.69532/2178-4442.v23.75137>

Apêndice – Informações sobre o artigo

Histórico editorial

Submetido: 12 de agosto de 2025.

Aprovado: 21 de novembro de 2025.

Publicado: 26 de dezembro de 2025.

Conflito de interesse

Nada a declarar.

Declaração de disponibilidade de dados

Todos os dados foram apresentados/gerados no presente artigo.

Contribuição dos autores

Resumo/Abstract/Resumen: Micilene Araújo de Oliveira Bezerra; **Introdução ou Considerações iniciais:** Micilene Araújo de Oliveira Bezerra; **Referencial teórico:** Micilene Araújo de Oliveira Bezerra; **Metodologia:** Micilene Araújo de Oliveira Bezerra; **Análise de dados:** Micilene Araújo de Oliveira Bezerra; **Discussão dos resultados:** Micilene Araújo de Oliveira Bezerra; **Conclusão ou Considerações finais:** Micilene Araújo de Oliveira Bezerra; **Referências:** Micilene Araújo de Oliveira Bezerra; **Revisão do manuscrito:** Micilene Araújo de Oliveira Bezerra; **Aprovação da versão final publicada:** Micilene Araújo de Oliveira Bezerra.

Direitos Autorais

Os direitos autorais são mantidos pelos autores, os quais concedem à Revista Poiesis Pedagógica os direitos exclusivos de primeira publicação. Os autores não serão remunerados pela publicação de trabalhos neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicado nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista. Os editores da Revista Poiesis Pedagógica têm o direito de realizar ajustes textuais e de adequação às normas da publicação.

Open Access

Este artigo é de acesso aberto (**Open Access**) e sem cobrança de taxas de submissão ou processamento de artigos dos autores (**Article Processing Charges – APCs**). O acesso aberto é um amplo movimento internacional que busca conceder acesso online gratuito e aberto a informações acadêmicas, como publicações e dados. Uma publicação é definida como 'acesso aberto' quando não existem barreiras financeiras, legais ou técnicas para acessá-la—ou seja, quando qualquer pessoa pode ler, baixar, copiar, distribuir, imprimir, pesquisar ou usá-la na educação ou de qualquer outra forma dentro dos acordos legais.



Licença de uso

Este artigo é licenciado sob a Licença **Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)**. Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o artigo em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial nesta revista.



Verificação de Similaridade

Este artigo foi submetido a uma verificação de similaridade utilizando o software de detecção de texto **iThenticate** da Turnitin, através do serviço **Similarity Check** da Crossref.



Processo de avaliação

Revisão por pares duplo-cega (**Double blind peer review**).

Editora

Cláudia Tavares do Amaral

Fomento

O artigo foi editado, diagramado e publicado com o apoio do auxílio financeiro concedido pela **FAPEG Edital nº 10/2023** – Programa de Apoio a Periódicos Científicos de Instituições de Ensino Superior do Estado de Goiás.



Publisher

Este artigo foi Publicado na **Revista Poiesis Pedagógica** vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da **Universidade Federal de Catalão – UFCAT**. A Revista Poiesis Pedagógica publica artigos de natureza técnico-científica, provenientes de estudos e pesquisas que ofereçam subsídios para o desenvolvimento do conhecimento educacional, propiciando um diálogo entre os diferentes campos da educação no Portal de Periódicos da UFCAT. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião do corpo editorial ou da referida universidade. Na **Avaliação CAPES (2017-2020)** a Revista Poiesis Pedagógica obteve **Qualis B1**.

